



## **GESTO E FALA: CONTINUIDADE OU RUPTURA?**

*Elenir Fedosse*<sup>\*</sup>  
*Ana Paula Santana*<sup>\*\*</sup>

### **Introdução**

A literatura sobre as afasias refere que, além das alterações de linguagem oral e escrita, ocorrem também *alterações gestuais* (nos termos da afasiologia – *apraxias*), fato que evidencia, do nosso ponto de vista, que as modalidades de linguagem estão relacionadas entre si. No entanto, a tradição dos estudos neuropsicológicos e/ou neurolingüísticos tende a estabelecer *dissociações* entre linguagem verbal e não verbal.

Esse procedimento, baseado em uma visão dicotômica dos processos lingüísticos-cognitivos, tem como consequência uma avaliação e um processo tera-

---

\* Fonoaudióloga, mestre em Lingüística (IEL/Unicamp), docente do curso de Fonoaudiologia da Unimep.

\*\* Fonoaudióloga, mestre em Lingüística (IEL/Unicamp), doutoranda em Lingüística (IEL/Unicamp).

pêutico fragmentados. Neste trabalho, pretende-se discutir a relação entre a linguagem verbal (oral e escrita) e a não verbal (gestual), levando-se em consideração o *continuum* lingüístico-cognitivo entre tais processos de significação.

Consideramos, pois, que a afasia acaba por explicitar as diferenças e as semelhanças entre os modos de produção de uma linguagem e de outra. Em alguns momentos, o sujeito, para se comunicar, parte da fala para a escrita, em outros, da escrita para a fala (Santana, 1999) e, em outros ainda, do gesto para fala (Fedosse, 2000a). Isso quer dizer, então, que a relação da fala com as outras modalidades de linguagem não é sempre a mesma. Em outras palavras, a “grande divisa” que os estudos tradicionais estabelecem entre oralidade e escrita, ou mesmo entre gesto e fala, não se justifica. Muito pelo contrário, o que existe é uma interdependência entre elas, tanto com relação a aspectos lingüísticos como cognitivos.

### Pressupostos teóricos

A continuidade gesto/fala torna-se evidente à medida que se assume uma abordagem discursiva da linguagem. Essa abordagem implica, entre outras coisas, considerar os processos de significação relativos à produção e à interpretação da linguagem (verbal e não verbal) em meio às contingências de seu uso social (Coudry, 1986/88 e Morato, 1991/96). Implica também incorporar a noção de *trabalho lingüístico*, a partir do momento em que se considera o *prompting* gestual como uma atividade lingüístico-cognitiva de sujeitos afásicos, especialmente dos que apresentam dificuldades para iniciar a expressão verbal. O *prompting* gestual, segundo Fedosse (2000b), não só se revela como marca de *trabalho lingüístico* realizado pelo sujeito afásico, mas também acaba por demonstrar interdependência entre os processos de produção dos gestos e da fala.

Convém dizer que o conceito de *trabalho lingüístico* decorre da concepção de que há uma certa zona de indeterminação da linguagem (Franchi, 1977). Segundo esse autor, a linguagem – um processo semiótico por excelência, heteróclita e multiforme (nos termos de Saussure, 1916/78) – é *atividade* constitutiva do sistema lingüístico, da interação social e das relações dos sujeitos com o mundo

real. Geraldi (1990/91) contribui para a formulação do conceito de *trabalho lingüístico*, postulando que esse se apresenta como ininterrupto, contínuo, realizado por diferentes sujeitos, em diferentes momentos históricos, em diferentes formações sociais, dentro das quais diferentes sistemas de referências se cruzam (e degladiam-se); a língua que se constrói mantém-se, porque se modifica.

Segundo Geraldi (idem), o trabalho contínuo dos falantes de uma língua realiza-se no embricamento de dois níveis: o da *produção histórica e social de sistemas de referências* (Franchi, 1977) e o das *operações discursivas*. Pelo *trabalho lingüístico* produzem-se, ao mesmo tempo, os sistemas de referência – pelos quais as expressões lingüísticas tornam-se significativas – e as operações discursivas – que remetem aos sistemas de referência, viabilizam a intercompreensão dos processos de interlocução. Ou seja, tais operações permitem aos interlocutores a produção e a interpretação de sentidos. As operações discursivas apresentam-se, pois, como ações que os sujeitos fazem *com* e *sobre* a linguagem, respectivamente, ações *metalingüísticas* e *epilingüísticas*, viabilizadas pela condição especial da linguagem, a de ser reflexiva (*reflexividade da linguagem*), que, por sua vez, caracterizam ações *da* linguagem (*ações lingüísticas*).

Coudry (1986/88), na mesma direção da noção explicitada acima, afirma que os sujeitos afásicos realizam *trabalho lingüístico* tal qual os sujeitos não afásicos. O fato é que a metodologia tradicional de avaliação e tratamento de sujeitos afásicos não permite que esse *trabalho* se evidencie, já que os testes padronizados exigem dos sujeitos apenas uma forma de operar com a linguagem, a metalinguagem, além de serem fundamentados em tarefas metalingüísticas que nem sequer totalizam operações dessa ordem. Nesse sentido, as baterias de testes usadas na avaliação das afasias e as propostas terapêuticas de reeducação/reabilitação das afasias têm em mente um *sujeito lingüístico ideal*, que domine a gramática normativa da língua oral e da escrita.

Ocorre que o terapeuta também se considera um “sujeito ideal”, um sujeito que não comete parafasias, que não tem dificuldades de encontrar palavras, que não recorre ao gesto durante a oralidade. No entanto, não raras vezes, depara-se com frases do tipo: “está na ponta da língua”, “começa com a letra *a* mas não consigo lembrar o nome” ou, ainda, “aquele negócio assim o (e faz o gesto do

objeto)". Tais fatos demonstram que os entraves da língua oral, diferente do que se pensa, não ocorrem apenas com afásicos. É claro que nas afasias as dificuldades de acesso lexical são maiores; contudo, todos nós, em diferentes contextos, nos deparamos com elas. E, algumas vezes, para resolvermos o "impasse", servimo-nos dos gestos.

Do nosso ponto de vista, e do de outros autores, o gesto tem estatuto simbólico, pois se trata de uma atividade aprendida em meio às interações sociais. McNeill (1992), por exemplo, credita ao gesto a mesma origem cognitiva que a linguagem oral. Para ele, o gesto e a fala são sistemas unitários produzidos no interior de uma mesma matriz de significação, portanto, adquiridos e desenvolvidos conjuntamente pelas crianças. Segundo esse autor, os gestos são concretos, icônicos e depois tornam-se metafóricos e abstratos. Em geral, seguem o mesmo processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral/fala. McNeill, porém, destaca diferenças entre gesto e fala. Para ele, a fala é linear e segmentada: as partes (traços, fonemas, etc.) combinam-se em sílabas que, por sua vez, formam as palavras, que, combinadas, criam as sentenças, os discursos. A direção é das partes para o todo. Já o gesto é global e sintético: vai do todo para as partes. Os gestos não precisam necessariamente se combinar para formar um gesto maior. Não existe nenhuma estrutura hierárquica de gestos. Essa "não-combinação" contrasta com a estrutura da língua. Os gestos são símbolos e, por si só, expressão completa de sentidos.

Para McNeill, a prova de que o gesto tem a mesma origem da fala é vista nas afasias, quando há uma alteração conjunta de ambos. Nos termos desse autor, o gesto e a fala têm a mesma função, significado, desenvolvimento e dissolução.

Como a afasia afeta a linguagem de forma diferente (em alguns casos, mais a fala que a escrita, em outros, mais a compreensão/interpretação verbal que a produção, em outros ainda, mais a leitura que a fala, etc.), as dificuldades práticas/gestuais também podem estar mais ou menos afetadas. Se a expressão gestual está mais preservada, os sujeitos afásicos podem servir-se do gesto para minimizar suas dificuldades de expressão verbal e, assim, conseguirem produzir sentidos. Ou seja, durante as dificuldades com a linguagem oral o sujeito pode utilizar gestos para "alcançar" a oralidade ou a escrita, como é o caso do

*prompting* fonético<sup>1</sup> (gesto articulatório) e do *prompting* escrito<sup>2</sup> (gesto da escrita da palavra). O gesto aparece como processo alternativo de significação, um mecanismo “alternativo”, um elemento estruturante de fala. Isso demonstra a sua interrelação com a linguagem verbal e, sobretudo, seu estatuto simbólico.

Se o gesto é simbólico como a linguagem verbal, pode-se dizer que há uma relação de mão dupla entre tais sistemas – linguagem verbal e gesto. Isso nos remete às considerações de Vygotsky (1934/84), especialmente àquelas que tratam da relação entre linguagem oral (fala) e escrita. O autor afirma que o processo de aquisição e desenvolvimento da escrita (um simbolismo de segunda ordem) é mediado pela fala (um simbolismo de primeira ordem). No caso das afasias, observamos tanto a fala quanto os gestos orientando a produção escrita, bem como gestos e escrita orientando a produção oral. É por isso que nos arriscamos a dizer que a *fala* também pode ser interpretada como um simbolismo de *segunda* ordem e, possibilitada pelo *gesto*, um simbolismo de *primeira* ordem. Ressalte-se aqui que não estamos com isso modificando o postulado vygotksyano, apenas enfatizando que um simbolismo de primeira ordem sempre está relacionado a outro de segunda ordem. Consideramos, também, que essa relação não é fixa, imutável. Isso significa dizer que o próprio sujeito, nas diferentes interações sociais e no seu trabalho lingüístico, determina qual modalidade de linguagem é de primeira ou de segunda ordem. É por essa interdependência simbólica que se torna possível o processo de reconstrução da linguagem verbal de sujeitos afásicos.

Sabe-se que a linguagem oral revela-se gestualmente; nos termos de Fedosse (2000a), a linguagem oral é prenhe de gesto (é também gesto articulatório), por isso não é de admirar que, durante sua aquisição, o gesto tenha um papel importante. Mori (1994), ao estudar o desenvolvimento gestual em crianças,

- 
1. Segundo Fedosse (2000a), o *prompting* fonético tem um papel estruturante, de trabalho lingüístico, contínuo e interativo durante a interlocução. Ele favorece o (re)conhecimento acústico e visual do gesto fonarticulatório, por isso pode ser caracterizado como um procedimento interativo e de (re)construção da linguagem.
  2. O *prompting* escrito é a pista escrita, ou seja, é a execução do primeiro gesto da escrita ou das primeiras seqüências de gestos que compõem as primeiras sílabas da palavra requerida a partir do qual o sujeito afásico, ao ler, enquanto escreve, consegue deflagrar a oralidade. Essa “escrita” geralmente é uma escrita “no ar” (Santana, 1999).

comenta que, a partir do momento em que o interlocutor reconhece os movimentos da criança como gestos (culturalmente determinados), eles ganham significado e reconhecimento social. Do ponto de vista dessa autora, o gesto passa a ser mais um elemento do enunciado à medida que esclarece, para o adulto, o significado que será atribuído à vocalização. Assim, no início da aquisição da linguagem, o gesto acaba por compor o enunciado, mostra-se como esclarecedor do significado verbal. Isso quando a criança ainda não demonstra ter eleito a oralidade como sua modalidade comunicativa privilegiada. Para a autora:

(...) parece então que é lícito afirmar que um caminho eficaz e interessante para a constituição da linguagem por uma criança é, de fato, revelar-lhe todas as facetas desta linguagem e de considerarmos que a gestual é uma delas, a relação de interdeterminação que tentamos apontar, torna-se mais evidente e – por que não – mais atraente. (1994, p. 68)

Ao que parece, durante a aquisição da linguagem oral, a relação entre fala e gesto é de interdeterminação. A afasia acaba por evidenciar mais uma vez essa relação, um *continuum* simbólico, poderíamos assim dizer, entre gesto e fala, conforme discutiremos a seguir com dados lingüístico-práticos do sujeito CF.

### **O sujeito CF**

Para este trabalho, descreveremos alguns episódios coletados de sessões de grupo realizadas com os sujeitos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL – Unicamp). O CCA tem como eixo central – em sua dinâmica e em seu funcionamento – diferentes trabalhos realizados pelos sujeitos com e sobre a linguagem, em diversas situações discursivas, em diversas rotinas significativas e produções textuais (diálogos, narrativas, comentários). Dele participam pacientes e pesquisadores, evocando situações e experiências comunicativas/discursivas cujas contingências são histórico-culturais e dependentes de diferentes fatores de significação (de ordem pragmática, cognitiva, psíquica, social). É o trabalho lingüístico-discursivo, desenvolvido em conjunto por seus participantes, a base das atividades desenvolvidas no CCA.

As sessões do CCA são semanais, com duração de duas horas. Na primeira hora, desenvolve-se um trabalho lingüístico-discursivo em torno da agenda pessoal dos participantes, do noticiário geral (ouvido ou escrito) e de atividades mais dirigidas (palestras, discussões temáticas, jogos), após o que se faz um intervalo. A segunda hora é dedicada ao trabalho de expressão teatral, pelo qual se procura levar em conta, por meio de atividades que envolvam pantomima e improvisações (verbais e não verbais), a percepção de possibilidades significativas e expressivas que se abrem a partir da interação linguagem-gestualidade.

As situações que passamos a descrever e analisar são extraídas das atividades desenvolvidas no CCA, do qual participa o sujeito desta pesquisa, CF.

CF, 40 anos, brasileira, graduada em terapia ocupacional, sofreu a ruptura de um aneurisma na base da artéria cerebral média esquerda. É acompanhada clinicamente em Neuropsicologia, Neurolingüística e Fonoaudiologia na UNNE (Unidade de Neurologia e Neurolingüística – Unicamp), desde março de 1991. Participa das sessões do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) e também é atendida em Fonoaudiologia, na Clínica de Fonoaudiologia da Unimep, desde 1998.

CF apresenta dificuldades para realizar gestos buço-faciais sob comando oral do examinador, da mesma forma que apresenta dificuldades para iniciar a expressão verbal. A avaliação de (a)praxia buço-facial, realizada na Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística (UNNE), revelou que CF realiza a maioria dos movimentos e gestos buço-faciais a partir do *prompting* gestual. As dificuldades práxicas de CF se mostraram especialmente relacionadas aos articuladores lingual e labiais (CF não realiza, dentre outros movimentos, a vibração desses órgãos). Nessa avaliação, constatou-se, ainda, leve alteração da sensibilidade facial à direita.

Com relação à linguagem de CF, a característica mais marcante é a dificuldade com a iniciativa verbal (oral e escrita). Suas tentativas para iniciar a expressão oral, geralmente, resultam na produção da estereotipia, “essau” (/e’saw/), que varia em extensão, intensidade, ritmo, velocidade e tom de acordo com o seu intuito discursivo. Pode-se dizer que os aspectos entonacionais da linguagem de CF se encontram preservados e atuam como importantes elementos estruturadores de sentido, ao lado de outros, como os automatismos lingüísticos:

“eu preciso falar”, “faz cinco anos, oh”, “Senhor Jesus...”, “puta que pariu”, que ocorrem nos contextos em que CF comenta sobre suas dificuldades enunciativas e/ou quando se *refere* à lesão cerebral. Outra característica marcante da produção linguística de CF está relacionada ao fato de que ela geralmente recorre ao *prompting* fonético, produzido por seu interlocutor, para produzir enunciados orais.

### *Episódio 1*

O grupo fala da necessidade de construir uma piscina para que os sujeitos do CCA realizem alguma atividade física na água. Nesse momento, CF comenta:

CF: Olha /e'saw e'saw/ *perguntando*/. Olha, oh... //inicia gesto de nadar e logo fala// nadar, nadar, oh. Oh, senhor... (...) //aponta para a boca e diz// ABC...//faz sinal de menino e diz// Menino. Menino.

Imc: Você cuidava do menino.

CF: /e'saw e'saw / *afirmando e faz sinal de escrever*// A...//faz sinal de dinheiro// Dinheiro.

IM: Não é na piscina não?

Imc: Não. Como terapeuta ocupacional.

CF: cional. Olha, Senhor Jesus.

### *Episódio 2*

Esse ocorre no momento em que os sujeitos do grupo escrevem seus nomes em um papel, por sugestão do orientador do grupo, mostrando que conseguem escrever com a mão esquerda.

CF: É...//aponta para a agenda//. É, escola. Escola. Escola. //aponta para as pessoas//. Ai... /e'say e'say/. É? //perguntando e apontando para G//.

Imc: Escola?

CF: Escola //confirma e aponta para o papel escrito// /esay/.

Imc: Terapia?

CF: [pia]. É. A /esa/, oh. //faz o gesto de escrever// pinta, é...

Imc: Escrever.

CF: [crever].



### *Episódio 3*

Esse episódio retrata outro momento da sessão, em que os sujeitos comentam sobre as diferentes possibilidades de ocupação após o episódio lesional. Depois que IM, um sujeito do grupo, ensina como se faz sabonete caseiro, o grupo discute a possibilidade de fazer outras coisas, por exemplo, comida. Nesse momento, CF fala:

CF: Bolo... Olha... Ai, é.... *[faz um gesto de uma mão sobre a outra, como se segurasse um ovo grande e fala/* Páscoa.

Imc: Ovo de páscoa.

### *Episódio 4*

O grupo comenta o que fez na semana passada.

Iic: Sabe o que nós fizemos na semana que passou, seu AC? // *AC estava distraído//* A CF vai contar.

CF: É...// *solicita prompting oral de Iic//*

Iic: Can...

CF: Cantamos.

Iic: Isso. O que Iem trouxe na semana passada?

CF: É...

Iic: // *fornece um prompting gestual de tocar violão//*

CF: Vilolão. */esaw esaw// em tom comemorativo por conseguir enunciar a palavra//*

Para analisar os episódios acima, tomamos como base a noção de *continuidade sensório-motora* da linguagem (Albano, 1990), entendida aqui como um contínuo que se inicia do visuo-manual para o audioverbal. A realização do gesto permeia e é permeada pelo (aspecto) simbólico, não se tratando, simplesmente, da realização de um ato motor. O *prompting* gestual é oferecido pelo próprio

sujeito ou mesmo pelo outro como um caminho alternativo quando a iniciativa verbal se encontra prejudicada (gesto de nadar, de dinheiro, de escrever, de ovo de páscoa, de tocar violão). Ele serve como mediador entre as funções simbólicas, linguagem oral e gestual, o que sugere que não há processos simbólicos dicotômicos, e sim interdependentes, melhor dizendo, há uma relação de interdependência entre oralidade e gestualidade.

Apresentando dificuldades verbais, o caminho alternativo de CF é o *prompting* gestual, como se o significante da palavra oral estivesse relacionado com o significante do gesto. Assim, o *prompting* gestual dá a seleção e favorece a operação de contigüidade, ou seja, à medida que ele (re)põe o contexto, ele favorece a combinação das unidades lingüísticas, possibilitando assim a sua produção.

### **Considerações finais**

O *prompting* gestual (como o fonético, como o escrito) põe os elementos lingüísticos em relação. Ele fornece o contexto necessário para a produção oral de CF. Tal fato possibilita atribuir ao *prompting* gestual um papel estruturante, de *trabalho lingüístico*, contínuo e interativo, que permite aos sujeitos da interlocução (quem oferece e quem se serve) atuar *na* e *sobre* a linguagem. Esse *prompting* mostra-se como uma possibilidade de o sujeito se manter no discurso, ou seja, manter-se comunicativo e, sobretudo, evidencia um trabalho sobre a linguagem na medida em que faz parte dos procedimentos alternativos dos (pelos) quais o sujeito lança mão para produzir sentido durante suas dificuldades de acesso lexical.

É certo que o gesto, muitas vezes, deflagra a oralidade de sujeitos afásicos com dificuldades de iniciativa verbal. Contudo, não podemos nos esquecer de que a afasia é uma alteração de linguagem decorrente de lesão cerebral que acomete todas as suas modalidades, por isso, em alguns momentos, a produção gestual também pode não ocorrer. Defender a idéia de que o gesto deflagra a oralidade é o mesmo que dizer que o gesto é um caminho alternativo eleito pelos sujeitos afásicos diante de suas dificuldades com a oralidade.

Para finalizar, gostaríamos de ressaltar que este trabalho teve o objetivo de demonstrar que a relação entre gesto e fala é de interdependência, pelas características simbólicas, cognitivas e interativas que ambos apresentam. Pode-se dizer que os gestos deixam de ter um caráter de “acompanhante”; assim como os aspectos prosódicos fazem parte dos enunciados. Tanto quanto a expressão oral, os gestos demonstram os processos alternativos pelos quais os sujeitos lançam mão para demarcar seus modos de operar *sobre e na* linguagem, possibilitando aos sujeitos afásicos revelarem sua subjetividade, bem como introduzirem-se e manterem-se sujeitos falantes, apesar das dificuldades que a afasia impõe.

### **Resumo**

*Gesto e fala são temas tratados historicamente na afasiologia, no entanto, de forma dissociada. Neste trabalho, discutiremos a inter-relação gesto e fala a partir de uma perspectiva discursiva nas afasias. Para tanto, serão analisados episódios de um sujeito afásico, CF, que participa do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/Unicamp), que evidenciam a continuidade, em termos lingüísticos e neurolingüísticos, entre a fala e o gesto.*

*Palavras-chave: gesto; fala; afasia; neurolingüística.*

### **Abstract**

*Gesture and speech have been usually discussed by Aphasiology under a dissociated approach. In this paper, we will analyze this question from a discursive perspective. A neurolinguistic case study is carried on this paper in which linguistic and gesture data are taken from the episodes of the aphasic subject, CF, who participates of the Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP). These episodes evidence a continuity between speech and gesture.*

*Key-words: gesture; speech; aphasia; neurolinguistic.*

## Resumen

*El gesto y el habla, historicamente en la Afasiología, son tratados usualmente de manera disociada. En este trabajo sobre afasias, analizaremos la relación entre el gesto y el habla a partir de una perspectiva discursiva. Para ello, se analizarán en términos lingüísticos y neurolingüísticos episodios de un sujeto afásico, CF, participante del Centro de Convivência de Afásicos (CCA/UNICAMP), que evidencian la continuidad entre el habla y el gesto.*

**Palabras claves:** gesto; habla; afasia; neurolinguística.

## Referências

- ALBANO, E. (1990). *Da fala à linguagem tocando de ouvido*. São Paulo, Martins Fontes.
- COUDRY, M. I. H. (1986/88). *Diário de Narciso – Discurso e afasia*. São Paulo, Martins Fontes.
- FEDOSSE, E. (2000a.). *Da relação linguagem e praxia: estudo neurolingüístico de um caso de afasia*. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, Instituto de Estudos Lingüísticos.
- \_\_\_\_\_. (2000b). O papel estruturante do *prompting* fonético na expressão verbal de sujeitos afásicos. In: 4º ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL – CELSUL, Universidade Federal do Paraná.
- FRANCHI, C. (1977). Linguagem – Atividade constitutiva. *Almanaque*, 5, pp. 9-27.
- GERALDI, W. (1990/91). *Portos de passagem*. São Paulo, Martins Fontes.
- JAKOBSON, R. (1989). “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”. In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix.
- MCNEILL, D. (1992). *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago, University of Chicago Press.
- MORATO, E. M. (1991/96). *Linguagem e cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo, Plexus.

- MORI, C. C. (1994). *O desenvolvimento gestual de uma criança ouvinte e outra deficiente auditiva: um estudo contrastivo*. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, Instituto de Estudos Lingüísticos.
- SANTANA, A. P. O. (1999). *O lugar da linguagem escrita na afasiologia: implicações e perspectivas para a neurolingüística*. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, Instituto de Estudos Lingüísticos.
- SAUSSURE, F. (1978). *Curso de Lingüística geral*. 4 ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- VYGOTSKY, L. S. (1984). *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes.

*Recebido em jun/01; aprovado em set/01.*